

HISTÓRIA, LITERATURA E FILOSOFIA: ENTREVISTA COM LUIZ COSTA LIMA

Ana Carolina de Azevedo Guedes (PUC-Rio)

Edson Silva de Lima (UNIRIO)

Maycon da Silva Tannis (PUC-Rio)

Quase 60 anos depois do lançamento de seu primeiro livro *Por que Literatura?* (1969), Luiz Costa Lima ainda se dedica, sem se repetir, ao tema. O peso da idade não trouxe senão material físico para alimentar as grandes chamadas críticas que escrutinam, ano após ano, a literatura e os saberes contidos nela. Nesta entrevista confrontamos um Luiz mais maduro e consciente dos arremedos entre história, literatura e filosofia, estes, formadores da grande instância que fora sua preocupação durante todo o tempo que ele passou se formando e formando vários dos muitos professores universitários atuais.

Revista de Teoria da História: O tema da ética tem aparecido, nos últimos anos, com mais fulgor nos estudos históricos, seja relativo ao tema do papel do historiador na sociedade em que está inserido, seja como tentativa de uma resposta ao chamado giro linguístico. Embora as condições epistemológicas em torno desse tema tenham se limitado a núcleos específicos de produção e portanto, centrado em um determinado nicho de estudos (ético-político), não apresentaram uma preocupação reflexiva sobre a natureza da história em seu pressuposto de verdade. Minha questão, no entanto, é ainda mais específica. Em sua obra a dimensão ética atravessa suas reflexões e aparece como uma condição de *sine qua non* de organização entre vida e pensamento (*Vida e Mimesis*, 1995). Seria possível identificar uma silhueta mais clara entre a questão ética e suas considerações acerca do fetiche metafísico na história, ou mais especificamente, nos historiadores?

Luiz Costa Lima: Creio que a dimensão ética é uma consequência indispensável de toda argumentação intelectual que não se confunda com uma indagação técnica. Assim sendo, considero que a ênfase na unidade do que tenha sido o passado – crença praticada, embora não

afirmada – é um fetiche metafísico. “Metafísico” porque próprio da tradição metafísica é a suposição da “essência”, de algo anterior e unitário, causa originária do que se descreva.

RTH: *Mímesis e Arredores* (2017) um dos seus livros mais recentes, nos dá a impressão de ser uma obra de entrada às suas reflexões centrais referentes ao tema da Mímesis. Generosamente, você abre o livro com um capítulo altamente preocupado, do meu ponto de vista, em deixar explícito os caminhos percorridos e os desdobramentos com a compreensão da mimesis, que antes tinha sua imediata afirmação no vetor da semelhança. Sua aposta no vetor da diferença, no entanto, o teria colocado em um diálogo com surdos. Tendo você mesmo afirmado algumas vezes que sua teoria não teria causado o impacto esperado de mudanças epistemológicas nas ciências humanas e sociais, sobretudo, no que se refere a enraizada glorificação do fato em detrimento da ficção; na apresentação de *Mímesis e Arredores*, você não teve ou tem a pretensão de escrever um tratado, mas sim de ensejar aberturas à reflexão. Nesse sentido em que medida a retomada de Lévi-Strauss e Freud, por exemplo, centrais em sua paisagem mental, aparecem como matrizes importantes na compreensão de seus estudos sobre a mimesis?

LCL: Primeiro ponto: lamento reiterar que meu proposto “requestionamento” da mimesis sequer tem chamado a atenção. Nisso, a comunidade nacional repete o caminho da internacional, para a qual a mimesis é uma questão a ser evitada ou tocada apenas de passagem. Segundo: o papel de Freud é inegável. Quanto a Lévi-Strauss, o repúdio da “imitação” como reduplicação do que houve, portanto da realidade, já aparecia na análise, incluída na antropologia estrutural, de tribo indígena nossa. Neste sentido, o que tenho feito é um tributo a ambas as contribuições.

RTH: Tendo as duas questões acima apresentado ponderações sobre o tema da mimesis e da ética. Poderia nos falar um pouco sobre o deslize entre os dois conceitos naquilo que você chamou de *controle positivo* e *controle negativo* desenvolvido na “trilogia do controle” (2007) e brilhantemente retomado no capítulo terceiro de *Mímesis e Arredores* (2017)?

LCL: Não é nenhuma novidade a imprescindibilidade do controle para a conduta humana. Nisso se concentra o controle positivo. O mesmo caráter não acompanha o controle negativo.

Explico-o sumariamente: como não se conhece sociedade em que não haja desigualdade e, portanto, desequilíbrio social, tampouco desconhecemos aquela em que os valores dominantes não manifestem seu domínio sobre os valores discrepantes. Isso se faz sentir por excelência nos produtos do imaginário, ou seja, no que se entende como arte e literatura. Note-se apenas: controle é algo mais sutil que censura, pois se exerce sem que se declare que isso ou aquilo é proibido.

RTH: Como pensar a questão do indivíduo partido tendo em vista um aumento cada vez maior das chamadas "literaturas testemunhais" ou autobiográficas. Em sua opinião, como a crítica literária pode encontrar espaço de reflexão em meio à ação constante das novas mídias?

LCL: Social e intelectualmente, vivemos um momento de recessão, ou seja, de retirada da dimensão crítica. É preciso força de resistência manter-se contra a onda crescente, que se afirma na ausência de indagação reflexiva das obras literárias, em prosa e verso, das últimas décadas. (As exceções são mínimas e não poderiam ser aqui examinadas). O espaço da crítica como exercício reflexivo é por isso mínimo, exercido por "descuido" do controle midiático.

RTH: Em muitos dos trabalhos desenvolvidos em torno da mimesis tem como tema a prosa. Existe um entrave quando a questão dentro no campo da poesia? A que se deve a dificuldade em lidar com a poesia por parte de alguns teóricos? Quais as dificuldades de tratar do artefato literário nas aulas da pós graduação? Os estudiosos de literatura têm que afastado cada vez mais da leitura do poético na busca de uma pureza de análise. Isso é um problema em que medida?

LCL: Creio que o afastamento do poético no campo da análise é simplesmente decorrência da pobreza intelectual. A poesia é muito menos praticada porque reconhecidamente uma área de abordagem mais difícil. Reúna-se a isso vivermos em um tempo performático; o resultado é a carência que se estampa. No nosso caso, ainda importa não termos nenhuma tradição de contato com o pensamento filosófico. A tendência resultante é a acomodação, a hipocrisia cínica ou, paralelamente, o desânimo.

RTH: Como a questão do indivíduo ganhou espaço em suas reflexões? Como aliar essa reflexão às obras de Kant e Freud, tão importantes para você?

LCL: Eu mesmo não sei explicar. Apenas reconheço que tanto em Kant como em Freud vejo implicitamente acentuado a ênfase crítica no que tenho chamado de o sujeito autocentrado, isto é, na inflação do eu. Talvez só o tenha descoberto quando o entusiasmo por escrever alguma coisa que tenha escapado da compreensão usual cedeu ante a onda conformista que nos cerca. Se a interpretação tiver fundamento, ressaltar o autocentramento do sujeito seja um modo de evitar o estrangulamento pela recessão contemporânea.

RTH: Como um intelectual dos trópicos, a atividade de estudo é prejudicada pelos problemas de tradução. No que se refere à questão da mimesis, gostaria que explicasse a predileção pelos alemães e como se deu essa escolha. Existem intelectuais brasileiros com os quais você dialoga ou se aproxima teoricamente?

LCL: Minha predileção pelos alemães talvez tenha uma explicação banal: sendo a retórica uma dimensão inevitável à composição da escrita, a retórica deles não tem sido a de ordem ornamental ou do facilmente acessível. Por isso, se a formulação do autocentramento neles já está presente desde Fichte e Schopenhauer, é também neles que a questão da mimesis mais se aguça, mesmo que seja no sentido de reduplicação da realidade. Preferi-los acua minha predileção pelo embate de ideias.

RTH: Em suas últimas falas você tem afirmado continuamente o caráter intuitivo de sua escrita. Qual a importância da escrita em sua vida cotidiana? Na esteira dessa questão, como você pensa a dificuldade de escrita na pós graduação (em seus dois caminhos, discente e docente)?

LCL: Na vida cotidiana, a tal ponto o ato de escrever me é fundamental que tenho de ter o cuidado de não supor que a vida é apenas o meio para cumprir aquele ato. Quanto à dificuldade do texto escrito por professores e alunos de pós-graduação, creio que decorre da combinação de dois fatores: a) a deficiência de nosso ensino; b) a falta de reconhecimento social do trabalho intelectual. O segundo fator incentiva o primeiro. Por conta dele, as instituições ditas de

fomento à cultura consideram os artigos de valor semelhante aos livros; artigos sobretudo se publicados em inglês.

RTH: A *mimesis zero* é um ponto iniciado em uma de suas obras, mas que apresenta características de proximidade com questões freudianas. Se correta minha suposição, gostaria que falasse um pouco (mas não resumidamente) sobre essa relação e se ela será desenvolvida no futuro.

LCL: Do futuro, apenas sei que o meu deverá ser curto. A proximidade da *mimesis zero* com a abordagem freudiana é, depois de feita, evidente, porquanto o ato da *mimesis*, afastando-se da busca da verdade, não é explicável senão como uma manifestação erótica. Em termos freudianos, se diria, bastante sublimados. Apenas acrescentaria, por isso não só repetitivos mas de curso demorado. Apenas ainda acrescentaria: a *mimesis zero* é indiferente a seu êxito. Suponho que sua manifestação mais usual, identificada com o que se costuma chamar de “dor de cotovelo”, leve com mais frequência ao fracasso. Pois a *mimesis* não se realiza por nos compensar de nossas derrotas. Ao destacar pois seu instante de surgimento não prevejo trajeto algum de ordem vitoriosa. Se, ao contrário, através da escolha de uma certa obra, abordo um trajeto vitorioso, não tenho como voltar a seu instante zero.

RTH: Do ponto de vista do estudo da história, que costumeiramente se denomina por historiografia, há um evidente apagamento dos debates que envolvam a ficção e mesmo a *mimesis*. Ao passo que se produziu muito acerca dos debates a respeito da representação. Dentro de conjunto de leituras teóricas que passam da representação como fenômeno sociológico, como Bronislaw Baczko e leituras mais interessadas nas representações enquanto fenômenos históricos, como Roger Chartier. Todas elas se baseiam, como você mesmo vêm apontando nos seus livros mais recentes que, estando a representação (*Vorstellung*), bem como a *Idea* e a própria concepção de *Mimesis* como *imitatio* se ligam a um sistema de pensamento que submetem o minema ao real. Esse apagamento da questão mimética se dá por quais razões?

LCL: Longe de esgotar a questão, levanto duas trilhas: o papel que o princípio da essência tem na tradição ocidental. A necessidade pois de designar a unidade originária do que se analisa.

Ora, onde essa unidade seria mais cabal senão na natureza ou na realidade social? Em segundo lugar, a ênfase que nosso pensamento tem dado ao encadeamento causal, negando-se o papel das correlações. Se parto de n, a tendência é procurar o encadeamento que nos faça chegar próximos de a, evitando-se relacionar o estado de que se parte da correlação dos fatores p, q, r. A estes fatores é possível que se acrescente: a dificuldade de não se confundir descontinuidade com falha na argumentação, senão mesmo a secundariedade, do ponto de vista da explicação lógica, das artes.

RTH: Como pensar a escrita da história para além da mera reprodução do sistema que impõe um realismo na análise dos objetos literários? Ou de modo mais direto: após a sua teorização sobre a mimesis e a descontinuidade da conceitualidade apontada por Hans Blumenberg, o que pode a história?

LCL: Com independência das restrições que se apresentem à escrita da história, não se há de negar como dela necessitamos. Diria mesmo aproximar-se do conhecimento do que houve é uma necessidade antropológica. A questão consiste em não confundir necessidade antropológica com certeza epistemológica.

RTH: Intuitivamente sua obra mais famosa, *O Controle do Imaginário*, esbarrava em duas questões profundas a respeito do *mängel Wesen* (criatura carente) e a negativa da validade do sujeito autocentrado. Sem tocar diretamente nesses temas é erguido um argumento em torno do controle e da questão da ficcionalidade (inclusive em obras posteriores). Mas hoje em dia, quando já tendo conhecido e desenvolvido ambos os debates em suas obras, sempre tendo a fixação da mimesis como eixo central, como você se coloca em relação a esses temas, como eles afetaram sua obra ao longo do tempo e o que dizer hoje sobre eles?

LCL: É curioso que o conceito de “criatura carente” provenha de Herder, o mesmo autor que, no *Metacrítica*, manifestava a mais profunda recusa do pensamento de Kant, o suporte mais extenso do que tenho procurado desenvolver. Possivelmente, uma das dificuldades maiores do que escrevo resulte de que praticamente cada livro que faço apresenta uma nova face da questão constante da mimesis. Assim, ao escrever *O controle do imaginário*, não tinha ideia nem da

“criatura carente”, nem do sujeito autocentrado, bem como que aquela foi tematizada antes desta. Contra este traço, a entrevista que aqui termino tem o mérito de ser composta depois daqueles momentos.